

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História

Disciplina: História Antiga II - 2019 - Noturno
Responsável: Marcelo Rede

Seminário 8

a) Plínio – *História Natural*, XXXV,24-26

Ora, o preço conferido à pintura cresceu principalmente, segundo creio, graças a Manius Valerius Maximus Messala que foi o primeiro, no ano de 490 de Roma, a expor, sobre um muro lateral da Cúria Hostília, um quadro representando o combate que ele havia ganhado na Sicília contra os cartagineses e Hieron. Também L. Cipião fez o mesmo e apresentou no Capitólio o quadro de sua vitória asiática, a propósito da qual seu irmão, o Africano, ressentia um certo amargor, e com razão, pois o seu filho havia sido feito prisioneiro naquele combate. Do mesmo modo, Emiliano nutriu um ressentimento parecido em relação a L. Hostilius Mancinus: este, que foi a o primeiro a pisar em Cartago, expôs no Fórum uma pintura reproduzindo o plano da cidade e as fases do cerco; ele próprio se sentou ao lado e explicava cada detalhe para a multidão de expectadores, ato indulgente que lhe permitiu obter o consulado nas assembleias (*comitia*) seguintes. Houve também uma decoração de cena, à ocasião dos jogos oferecidos por Claudius Pulcher, cujas pinturas suscitaram uma grande admiração: de fato, alguns corvos, enganados pela ilusão, tentaram pousar sobre as telhas bem imitadas.

Entretanto, em Roma, o primeiro a conferir um valor oficial a quadros estrangeiros foi L. Mummius a quem a vitória em combate valeu o apelido de Arcaico. Com efeito, quando da venda do butim, o rei Atala havia comprado por 600.000 denários um quadro de Aristides, representando Liber Pater. Mummius, surpreendido pela soma e desconfiando que existia na obra alguma virtude qualquer que lhe escapava, fez com que se retomasse o quadro, apesar dos vigorosos protestos de Atala, e o expôs no santuário de Ceres. Esta foi, penso, a primeira pintura estrangeira apresentada ao público em Roma. Em seguida, segundo minhas informações, difundiu-se o hábito de expô-las também no Fórum. De onde esta tirada espirituosa de Crassus, o Orador, discursando perto dos Velhos Bazares: uma testemunha citada o atacava nestes termos: «Ora, Crassus, por que tipo de homem tu me tomas?» E ele responde: «Por este tipo aqui », apontando um quadro no qual se via um gaulês mostrando de modo execrável a língua. No fórum, havia também o famoso quadro do velho pastor com seu cajado, a propósito do qual um embaixador teutão, a quem perguntaram o valor, respondeu que ele não receberia nem mesmo como presente o original em carne e osso. Mas aquele que foi o principal artesão da fama oficial atribuída aos quadros foi César, a partir do momento em que se tornou ditador. Ele ofereceu o Ajax e a Medéia diante do santuário de Vênus Genetrix; depois dele, houve M. Agripa, personagem de gostos rústicos mais do que refinados. Em todo caso, conserva-se deste último um discurso magnífico e digno do maior dos cidadãos, segundo o qual era preciso conservar no domínio público todos os quadros e todas as estátuas, o que seria preferível a enviá-los para o exílio, nas casas de campo.

b) Plínio – *História Natural*, XXXV.

É bem verdade que a indolência casou a perda das artes e, como não se pode fazer o retrato das almas, negligencia-se também o retrato físico. Era diferente no tempo de nossos antepassados. Nos átrios, expunha-se um gênero de efígie, destinada a ser contemplada: não estátuas feitas por artistas estrangeiros, nem bronzes ou mármore, mas máscaras moldadas em cera, que eram dispostas cada qual em um nicho. Havia, assim, retratos para fazer cortejo nas procissões da família, e sempre que alguém morria, toda a multidão de seus parentes já mortos estava presente. E os ramos das árvores genealógicas corriam em todas as direções, com suas ramificações lineares, até esses retratos, que eram pintados. Os arquivos familiares eram repletos de registros e de relatos consagrados aos atos realizados no exercício de uma magistratura. Fora e em volta da soleira de entrada, havia outros retratos dessas almas heroicas, juntos aos quais se depositavam os despojos tomados aos inimigos, sem que fosse permitido a um eventual comprador de lhes separar: assim, mesmo que a propriedade mudasse, subsistia eternamente a lembrança dos triunfos que a casa havia conhecido. Este era um poderoso estimulante, pois as próprias paredes da habitação alertavam, a cada dia, um proprietário pusilânime de sua intrusão no triunfo de outros. Conserva-se um discurso cheio de indignação de Messala, o orador, em que ele proibia que se introduzisse entre os membros de sua família o retrato de um estrangeiro pertencente à família dos Laevini. Uma razão similar provocou, da parte de Messala, o Antigo, a publicação desses famosos livros que ele compôs «Sobre as Famílias»: pois, atravessando o átrio de Cipião Pomponianus, ele havia visto que os *Salvationes* – tal era o sobrenome deles – juntavam, em função de uma adoção testamentária, seu nome ao dos Cipiões, para grande vergonha dos Africanos. Entretanto – e que os Messala me perdoem por dizê-lo – o próprio fato de se usurpar os retratos de homens ilustres era um testemunho real do amor por suas virtudes e era mais honroso do que se conduzir de tal modo que ninguém procurasse se apropriar de nossos retratos.

Nós não devemos deixar de citar também uma invenção recente, pois tem-se o costume de dedicar, nas bibliotecas, as efígies, se não em ouro ou prata, ao menos em bronze, em honra daqueles cujas almas imortais nos falam nesses locais precisos; ainda mais, representa-se pela imaginação aqueles dos quais não se tem retrato e, como resultado das lembranças que se tem deles, conferem-se traços àqueles cuja tradição não nos transmitiu a aparência, como é o caso de Homero. Assim, na minha opinião, não existe maior prova de sucesso para um indivíduo do que esta: ver todo o mundo ávido por conhecer qual o aspecto que ele tinha. Em Roma, a invenção remonta a Asinius Pollion, que foi o primeiro a fundar uma biblioteca fazendo dos gênios que a humanidade conheceu um bem público. Se foi ele precedido nesta inovação pelos reis de Alexandria e de Pérgamo, que rivalizaram para ver qual o melhor para criar bibliotecas, eu não saberia dizer com certeza. Que um gosto ardente pelos retratos tenha existido anteriormente, temos por testemunha o famoso Attieus, amigo de Cícero, que publicou uma obra sobre o assunto e M. Varrão que teve uma ideia muito nobre e encontrou o meio de inserir nas suas obras, particularmente abundantes, até setecentos retratos de personagens célebres. Assim, ele não permitiu que sua efígie desaparecesse, nem que a usura do tempo vencesse o homem, e sua invenção foi benéfica a ponto de suscitar os ciúmes dos próprios deuses, pois não apenas ele conferiu a alguns a imortalidade como também fez com que fossem conhecidos por toda a terra, de modo que eles fossem, como os deuses, presentes em todos os lugares. E ele fez com que pessoas que não eram nem mesmo seus parentes se beneficiassem dessa vantagem.